

As histórias de uma coleção etnográfica dos Asurini do Xingu

Fabiola Andréa Silva¹

-
- 1 Docente e pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Coordenadora do Laboratório de Estudos Interdisciplinares sobre Tecnologia e Território (LINTT/MAE-USP). Bolsista de Produtividade CNPq (1D). Agradeço ao povo Asurini pela sua imensa cordialidade para comigo nestes muitos anos de convivência e aprendizado; aos queridos colegas Manuel e Edmundo pela gentileza do convite em participar desta publicação; ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelos recursos financeiros que possibilitaram a realização desta pesquisa; ao WeltMuseum que me cedeu as fotos da coleção de Lukesch para a publicação.

Nos últimos anos, tem havido um crescente interesse por parte da antropologia em elucidar as conjunturas históricas e científicas nas quais se desenvolveram as expedições antropológicas e o colecionismo, nos séculos XIX e XX. Cada vez mais se entende que as coleções que se encontram nos museus são documentos ou arquivos que contam uma história multifacetada sobre os encontros e desencontros entre diferentes mundos e pessoas. Elas constituem uma base de dados valiosa para se realizar uma antropologia crítica sobre a relação entre colonialismo e colecionismo, e sobre a prática científica em termos do seu comprometimento com determinados projetos econômicos, políticos e intelectuais, em determinadas conjunturas históricas. Em suma, trata-se de uma materialidade que permite compreender a própria formação da disciplina antropológica e da sua prática científica, no que se refere à produção de conhecimento sobre a alteridade (Bell; Hassinoff, 2015).

Os estudos sobre histórias de coleções, no geral, têm tratado das biografias dos coletores; das circunstâncias, estratégias e motivações para a formação das coleções; das trajetórias das coleções nos museus em termos de aquisição, preservação, pesquisa e exposições ao público; e dos modos como os objetos e as coleções etnográficas são (re)apropriados pelos povos indígenas (p. ex. Glass, 2017; Lima Filho, 2017; McMullen, 2009; Norcini, 2008).

Esse interesse científico pelas coleções, ora depositadas nos museus, tem se tornado ainda mais relevante, à medida que os

povos indígenas, dos quais essas coleções se originam, atuam como colaboradores para desvendar esta história multifacetada mencionada acima. Quando diferentes sujeitos se encontram para refletir sobre as coleções musealizadas, ou mesmo sobre um objeto específico nelas contido, se pode apreender a relevância desses acervos não apenas para contar a história do colonialismo, do colecionismo e da antropologia, mas, principalmente, para compreender as histórias indígenas. Não se pode esquecer que as coleções etnográficas e/ou cada objeto etnográfico são o testemunho tangível de relações entre diferentes sujeitos que, na maioria das vezes, se definiram e afirmaram pela assimetria entre si (p. ex. indígenas, coletores, colonizadores). Assim, retomar essas coleções e objetos de/em museus, mediante práticas curatoriais colaborativas, pode ser uma forma de atualizar essas relações, adotando uma perspectiva crítica que vise alcançar a simetria entre esses diferentes sujeitos e suas formas de conhecer (Fienup-Riordan, 2003; Knowles, 2013).

Neste texto, pretendo refletir sobre este tema do colecionismo e das histórias das coleções e objetos etnográficos, tomando, como exemplo, uma coleção de objetos dos Asurini do Xingu cuja história de formação e conteúdo são testemunhos de um momento dramático vivido por este povo indígena, ao longo de sua trajetória histórica e cultural. Trata-se da coleção etnográfica formada pelo etnólogo Anton Lukesch, durante os dias em que ele permaneceu com este povo, em maio de 1971, na região do médio-Xingu, no estado do Pará.

O ato de colecionar

Nesta proposta de pensar criticamente o colecionismo e de buscar reacender o interesse pelas coleções e objetos etnográficos, tem-se refletido sobre o próprio ato de coletar. Alguns autores, que já trataram o tema, afirmam que este deve ser visto como um evento que pode ter características diversas, como, por exemplo: se situar no contexto do colonialismo e do colecionismo, ou no âmbito de pesquisas de campo etnográficas; ser deliberado e organizado, ou espontâneo e aleatório; ser motivado por razões científicas, afetivas, monetárias, lúdicas e outras (p. ex. Belk, 1999; Fabian, 2010; Formanek, 1999; Silva, Gordon, 2011).

Cabe lembrar que, durante toda a expansão colonialista nas Américas e, principalmente, a partir da segunda metade do século XVIII, coleções de objetos etnográficos foram formadas por viajantes e naturalistas europeus. Esses objetos coletados nas novas terras descobertas eram apreendidos como tesouros e raridades vindas de um mundo distante e exótico que, com eles, ganhava forma no imaginário europeu com os chamados ‘gabinetes de curiosidade’. Tais ‘gabinetes’ deram origem aos grandes museus enciclopédicos que se consolidaram no século XIX, tendo por base o paradigma evolucionista da história natural e da história cultural do homem, e que tinha como um de seus pressupostos, o inevitável desaparecimento das culturas nativas pela força e superioridade da civilização europeia. O ato de coletar, neste contexto histórico, esteve, majoritariamente, alicerçado em uma perspectiva preservacionista, ou seja, que

procurava evitar a perda de determinados traços ou aspectos da cultura dos povos indígenas, os quais, nessa época, eram vistos como fadados à extinção e, além disso, representavam a origem da humanidade (Ribeiro, Velthem, 1988; Velthem, 2012; Velthem *et al.* 2017). Tratava-se de preservar e documentar aquilo que se poderia chamar de “alteridade máxima” e, conforme demonstram alguns autores, caracterizou o ato de colecionar e a formação de coleções etnográficas, até os anos 1960, em nosso país (p. ex. Abreu, 2005; Grupioni, 1998). Cabe dizer ainda que, no Brasil, o colecionismo do final do século XIX e da primeira metade do século XX esteve relacionado ao indigenismo de Estado (Grupioni, 1998).

Em outros contextos da história da antropologia, e, portanto, em outras circunstâncias de pesquisa de campo, o ato de coletar, por parte de etnólogos, na maioria das vezes, se constituiu como parte das suas experiências etnográficas. Nesse caso, essas coleções contam as histórias de relações entre determinadas pessoas, da troca e da performance comunicativa entre elas. Ao mesmo tempo, elas materializam e dão continuidade a essas experiências etnográficas e realidades vividas, em um determinado tempo, revelando também os interesses, as motivações e o direcionamento do olhar do etnólogo para certos temas de pesquisa e, conseqüentemente, tipos de objetos. Dadas estas circunstâncias de pesquisa, alguns etnólogos, inclusive, não se reconhecem como coletores e, por isso, não veem o conjunto de objetos que acumularam sobre determina-

do povo como uma coleção etnográfica; muitas vezes, eles só irão ter esta percepção anos mais tarde.²

Os Asurini do Xingu e o seu “contato” com os brancos

Os Asurini do Xingu são um povo indígena amazônico, falante de uma língua da família linguística Tupi-Guarani. Atualmente, eles vivem na TI Koatinemo distribuídos pelas aldeias Kwatinema, Itaaka e Myryna, às margens do Rio Xingu. Eles foram oficialmente contatados em 1971, pela expedição liderada pelo missionário e etnólogo austríaco Anton Lukesch, que vinha acompanhado de seu irmão Karl Lukesch e um pequeno grupo de homens (mateiros) que conheciam aquela região do médio Rio Xingu.

Esse contato ocorreu no contexto dos projetos desenvolvimentistas do governo militar em relação à Amazônia que, nas décadas de 1960 e 1970, era vista como uma área geopolítica estratégica para o país. Cabe lembrar que, nesse período, a política indigenista foi definida a partir do lema “desenvolvimento e segurança”, sendo atrelada à política estatal de ocupação, apropriação e desenvolvimento econômico daquela região do país. O órgão indigenista oficial (Fundação Nacional do Índio - Funai), criado em

2 Este foi o caso da antropóloga Lux Vidal, que formou, ao longo de muitos anos, uma coleção de objetos Xikrin Kayapó de forma não intencional, visto sua apropriação destes objetos estar envolta nas dinâmicas de suas relações com diferentes pessoas, em ocasiões variadas e por distintas razões. Segundo ela, a sua percepção de que os objetos Xikrin que tinha coletado constituíam uma coleção foi se desenvolvendo aos poucos, na medida em que eles começaram a ser estudados – por ela e outros pesquisadores – e ser expostos ao público em diferentes eventos. Esta coleção está sob a guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, tendo sido objeto de um projeto de curadoria colaborativa (Silva; Gordon, 2011a, 2013, Silva; Gordon, 2011b).

1967, era controlado pelos militares, e sua ação foi no sentido de possibilitar o contato com os povos indígenas amazônicos e de facilitar a concretização destes projetos desenvolvimentistas do governo (Pacheco de Oliveira, 2006a, 2006b; Souza Lima, 2005, 2006). No caso específico que envolve os Asurini e a região do médio-Xingu, tratava-se da construção da Rodovia Transamazônica. Nas palavras de Anton Lukesch (1976, p. 9):

O projeto da rodovia Transamazônica, designado para tornar acessível, pela primeira vez, um vasto território inclui um plano de colonização sistemática. O plano clama por um rápido avanço da civilização tecnológica para dentro de regiões da Amazônia onde diversos povos, tribos e pequenos grupos de indígenas ainda vivem uma existência largamente não-europeia. No sentido de evitar dramáticas e muitas vezes trágicas confrontações interétnicas, esforços a que geralmente e inadequadamente se chama de ‘pacificação’ são urgentes. O contato pacífico com grupos aborígenes precisa ser estabelecido de forma constante e na medida do possível à frente do avanço da civilização.

A expedição de Lukesch ocorreu no contexto de um colonialismo interno para as áreas interioranas do país, tendo sido financiada pela Companhia Vale do Rio Doce – a empresa mineradora atuante na região amazônica – e, conforme ele escreveu,

para os indígenas este breve, mas decisivo momento do contato era muito significativo em termos da sua história, na qual nossa chegada e presença no meio deles iniciaria, para melhor ou para pior, uma nova época, certamente, uma revolução, em suas vidas. (Lukesch, 1976, p. 10).

E ele estava certo.

Figura 1 - Anton Luckesch distribuindo lâminas de machado para os Asurini



Fonte: Luckesch, 1976, p. 50, figura 14.

Quando os Asurini falam sobre este evento de contato, fazem menção ao fato de que os *pajés* já haviam sonhado com a vinda dos brancos e que a sua chegada acabaria com as excessivas mortes provocadas pelas doenças e pelos ataques de seus inimigos Kayapó e Araweté. Durante décadas, os Asurini tiveram de enfrentar a invasão de suas aldeias e territórios por esses povos indígenas e, por causa disso, entre os anos 1920 e 1970, intensificaram a sua mobilidade territorial, estabelecendo e ocupando diferentes aldeias em um território que ficava situado entre a margem esquerda do Rio Bacajá e a margem direita do Rio Xingu,

e entre os igarapés Lajes e Bom Jardim. Ao mesmo tempo, enfrentaram epidemias que, segundo eles, matavam aldeias inteiras. No início da década de setenta, estavam vivendo uma situação de conflito permanente com os seus inimigos Araweté e já estavam muito debilitados pelas perdas populacionais que vinham sofrendo ao longo dos anos. Cabe dizer que essas epidemias e as guerras constantes com esses outros povos foram resultantes da geopolítica que se constitui com o avanço da colonização nesta região amazônica, desde o século XVIII, e que implicou a desterritorialização de vários povos indígenas e a proliferação de doenças infectocontagiosas trazidas pelos não indígenas (Silva; Noelli, 2015).

Assim, enquanto para Lukesch o seu encontro com os Asurini representava uma etapa de um projeto civilizatório, para eles o contato significava uma escolha, uma oportunidade de “amansar os brancos”, uma garantia de sua sobrevivência física e do seu modo de vida. De fato, a chegada dos brancos acabou com as mortes provocadas pelas guerras com os inimigos, mas acirrou aquelas provocadas pelas doenças. Nos primeiros dias convivendo com os homens da expedição de Lukesch, vários deles sucumbiram vítimas de gripe, diarreia, tosse e, segundo alguns anciãos, de envenenamento. Essas mortes continuaram nos anos seguintes quando eles foram aldeados pela Funai, sendo que apenas um terço dos Asurini contatados em 1971 ainda permanecia viv nos anos 1980; ou seja, 52 pessoas (Müller, 1990). Essa crise demográfica foi contornada por meio de inúmeros projetos de saúde elaborados e conduzidos pela antropóloga Regina Polo

Müller, em parceria com a Funai. Na atualidade, o povo Asurini tem um contingente populacional de mais de 200 pessoas.

A coleção de objetos asurinís formada por Anton Lukesch

Nos dias em que Anton Lukesch permaneceu entre os Asurini, observou que dentre os seus pertences havia vários itens industrializados, como, por exemplo, placas de alumínio, contas de vidro, botões de madrepérola, miçangas, enxadas, facas, facões, pregos, cavadores e outros objetos de vidro e plástico, sendo que eles ficavam especialmente empolgados com os objetos de ferro que ele lhes presenteava (Lukesch, 1976, p. 92-119) (Figura 1). O etnólogo relatou ainda que, após alguns dias de convivência, os Asurini também passaram a lhe dar objetos (p. ex. arcos, flechas, colares, vasilhas cerâmicas, redes). Sobre isto Lukesch (1976, p. 119) escreveu:

Os Asurini não estavam obviamente acostumados com a troca. Era difícil a todo tempo fazê-los entender que nós queríamos trocar um dos seus objetos por um dos nossos. Por outro lado, depois da distribuição dos presentes, um ou outro homem barbado viria até nós por sua própria iniciativa e oferecia como retribuição ao presente o seu excelente arco, certamente, uma coisa de grande valor para ele, e um pacote de flechas. Uma mulher ou outra nos trazia seus belos colares e os colocavam em volta dos nossos pescoços. Tais presentes deram a evidência da sua capacidade de avaliar corretamente o que eles estavam recebendo e seu desejo de oferecer alguma coisa de igual valor em retorno. Tanto a correta avaliação dos objetos

e a generosidade espontânea no pagamento foram extraordinárias para os indígenas e completamente novas para nós. (Lukesh, 1976, p. 119).

Em uma de minhas estadas entre os Asurini, perguntei a um velho *pajé* se ele se lembrava de ter dado algum de seus pertences para Anton Lukesch. Ele respondeu de modo afirmativo, dizendo que outros também haviam dado suas coisas para o “padre Antônio” – modo como os Asurini se referem a ele até os dias de hoje – e para os demais integrantes da expedição. Quando perguntei qual teria sido a razão disto, ele me respondeu: “nós demos as nossas coisas para eles porque achamos que eles não iriam voltar”; e eles queriam que os brancos voltassem.

Os objetos dados à Anton Lukesch pelos Asurini naquele momento do contato foram vendidos, na década de 1970, ao WeltMuseum, em Viena, onde permanecem até os dias de hoje. Trata-se de uma coleção de 86 objetos bem conservados, cuja documentação é bastante restrita no que se refere à sua proveniência, nomenclatura, técnicas de produção e uso: *adornos corporais* feitos de penas (cocares, testeiras), de fibras de algodão (testeiras), de dentes e ossos de animais (colares, braceletes), de miçangas e alumínio (colares), de sementes (colares, braceletes); *instrumentos musicais* feitos de taquara (buzinas e flautas), de cabaça (maracás), de palha (apito), de osso (flautas); *armas* feitas de estipe de palmeira (arcos), de bambu (hastes e pontas flechas), de madeira (pontas de flechas), de metal (pontas de flecha); *utensílios e ferramentas* em osso (escarificadores e furadores), em cerâmica (vasilhas), em unhas de animais (escarificador), em

madeira (pentes, raspadores, pau de fogo, fuso, colher, banco), em pedra (machado encabado) e recipientes de cabaça; *trançados* (cestos vasiforme e estojiformes, peneiras, abanador); *exemplares de matéria-prima* (fios de algodão, casca de *tauari*, folhas de *peti-ma*/tabaco, sementes, fibras vegetais) (Silva, 2016a).

Pelas falas transcritas acima, é possível inferir que esta coleção de objetos foi formada durante o convívio, de poucos dias, de Lukesch e seus companheiros de expedição com os Asurini. Ou seja, ela foi formada no contexto de uma expedição de curta duração cujo objetivo era contatar este povo, e mediante trocas cotidianas, normalmente motivadas pelo etnólogo e sua equipe. Não se pode afirmar que ele tinha uma estratégia de coleta sistemática, visando conjuntos artefatuais e objetos específicos dos Asurini. Porém, me parece evidente que ele queria “amostrar” a cultura material deste povo, pois a coleção é representativa de todos os seus conjuntos artefatuais e da maioria de suas técnicas.

Figura 2 - Colar feito de contas de vidro, alumínio e sementes



Fonte: WeltMuseum, Viena.

A descoberta do paradeiro desta coleção se deu por mero acaso, durante minha participação no evento intitulado *Tropical Lowlands Indigenous in European Collections*, patrocinado pelo Wolkenkunde Museum de Leiden, na Holanda, em 2013. Nele, apresentei um trabalho sobre a curadoria colaborativa que eu havia realizado da coleção de objetos asurinís formada por Regina Polo Müller, durante os anos em que ela havia pesquisado este povo indígena (Silva, 2012). Após esta apresentação, a pesquisadora Claudia Augustat, curadora das coleções etnográficas latino-americanas no WeltMuseum, informou-me que aquela

instituição tinha em seu acervo uma coleção de objetos do povo Asurini, juntamente com uma coleção de objetos Araweté e Kayapó, todas adquiridas (via compra) do etnólogo Anton Lukesch, no ano de 1982. Esta revelação foi surpreendente, pois eu não tinha ideia de que os objetos coletados por este etnólogo, em 1971, poderiam estar no acervo daquela instituição europeia. Mais surpreendente ainda foi descobrir que o WeltMuseum não tinha registro de que a coleção havia sido formada no evento do contato oficial do povo Asurini com a sociedade nacional. Em outubro de 2014, fui até Viena a fim de documentar e analisar esta coleção ainda desconhecida, pois nunca havia sido estudada desde a sua formação, há mais de 40 anos.

Figura 3 - Adorno plumário



Fonte: WeltMuseum, Viena.

O trabalho consistiu no registro fotográfico dos objetos, medição (p. ex. altura, largura, espessura, diâmetro) e revisão das fichas catalográficas. A partir disso, foi possível

agrupar os objetos em diferentes conjuntos artefatuais conforme as especificidades das técnicas de produção e matérias-primas (cerâmica, trançados, instrumentos musicais, utensílios e ferramentas, plumária, indumentária, armas); 2) dividir os objetos em categorias e tipos (adornos corporais, vasilhas cerâmicas, cestos, arcos, flechas, etc.) e descrevê-los em termos de suas características morfológicas, técnicas e de matéria-prima; 3) descrever o uso (funcionalidade e gênero) dos objetos; 4) complementar a documentação museográfica sobre os objetos no *WeltMuseum*. (Silva, 2016a, p. 131).

Nessa minha análise preliminar da coleção, foi possível constatar que se tratava de um conjunto de objetos majoritariamente relacionados com as atividades cotidianas de obter, processar e armazenar alimentos (p. ex. vasilhas cerâmicas, cestos, armas) e produzir objetos (p. ex. ferramentas e utensílios, matérias-primas). Havia uns poucos instrumentos musicais (p. ex. flautas de bambu e taquara) e adornos corporais, sendo que destes, alguns (p. ex. colares) mostravam que os Asurini já estavam familiarizados com matérias-primas e objetos industrializados (p. ex. alumínio, plástico, contas de vidro, botões), certamente furtados dos não indígenas (Figura 2). Alguns objetos eram totalmente desconhecidos para mim (p. ex. adornos plumários, instrumentos musicais), enquanto outros mostravam a persistência de seus estilos técnicos (p. ex. vasilhas cerâmicas, redes, colares)

(Figura 3). Além disso, alguns instrumentos e ferramentas (p. ex. raspadores, furadores, pau de fogo) chamaram de imediato minha atenção, pois eles eram a evidência da rapidez com que os homens asurinis se apropriaram de ferramentas, instrumentos industrializados e técnicas não indígenas, após o contato (Silva, 2016a, p. 132-133) (Figura 4).

Figura 4 - Instrumentos de uso masculino que era usado para fabricação de armas, colares de sementes, trançados



Fonte: WeltMuseum, Viena.

Aquele conjunto de objetos era uma amostra restrita, em termos quantitativos, da cultura material dos Asurini, no entanto, permitia que se tivesse uma ideia de quais eram os conjuntos artefatuais produzidos e utilizados por eles, naquele momento da sua história. Quando se analisa as fotos presentes no livro de Anton Lukesch (1976), e que mostram as atividades cotidianas dos Asurini, percebe-se claramente que esta coleção etnográfica se constituiu de objetos que estavam de fato sendo produzidos e utilizados por este povo, durante o período em que o etnólogo permaneceu com ele, naqueles dias de verão xinguno (Figura 5). De fato, todos os objetos da coleção apresentavam marcas de uso, ou em outras palavras, foram coletados enquanto estavam sendo utilizados. Cabe dizer ainda que todos os objetos dessa coleção mostravam o esmero estético de seus produtores, confirmando o que sempre havia sido dito sobre eles na literatura etnológica (p. ex. Müller, 1990).

Figura 5 - Os Asurini nas tarefas do cotidiano e usando seus objetos



Fonte: Lukesch, 1976, p. 93, figura 41.

Conversando com os Asurini do Xingu sobre esta coleção etnográfica

Eu trabalhava há 18 anos com os Asurini do Xingu quando realizei a pesquisa, no WeltMuseum, sobre a coleção formada por Anton Lukesch. Ao longo deste tempo, sempre ouvi as histórias dos Asurini sobre o evento do contato, ou seja, sobre a chegada do “padre Antônio” no lugar onde morava o grupo local liderado pelo pajé Itare’í. Alguns deles me contavam essas histórias estimulados pelas imagens contidas no livro deste etnólogo, intitulado *Bearded Indians of the Tropical Forest* (Lukesch, 1976), e

que traz o relato do seu encontro com este povo xinguano.³ Uma cópia do livro costumava circular entre eles, sendo que esta pertencia às freiras da ordem das Irmãzinhas de Jesus, que viveram décadas com os Asurini.

Desde 2011, estimulada por estes relatos e por uma demanda dos próprios Asurini, vinha desenvolvendo uma pesquisa arqueológica colaborativa que tinha como propósito compreender o seu processo de ocupação territorial na área que compreendia a TI Koatinemo. Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa, estavam sendo (re)visitadas, georreferenciadas e investigadas arqueologicamente as antigas aldeias e acampamentos dos Asurini. O objetivo era, por um lado, possibilitar às velhas gerações asurinis o regresso às suas antigas moradas e, por outro, permitir às novas gerações conhecerem lugares significativos da sua história, naquela região do médio-Xingu. Por estar engajada com os Asurini nesta pesquisa, entendi que o estudo da coleção de Lukesch era um complemento importante aos dados que estavam sendo coletados e registrados sobre a história deste povo.

Assim, tendo em mãos as imagens dos objetos desta coleção etnográfica, fui conversar com os Asurini sobre esta minha inesperada descoberta, e sobre o trabalho preliminar de curadoria que eu havia realizado, em 2014, no WeltMuseum. Os Asurini mais velhos não sabiam do paradeiro desses seus objetos, e os mais jovens nem mesmo sabiam da existência desta coleção

³ Recentemente, a antropóloga Alice Vilela retomou as imagens desse livro em uma pesquisa sobre a introdução, o impacto e o uso das fotografias na vida dos Asurini do Xingu (Vilela, 2018).

(Figura 6). Durante minha estada nas aldeias Kwatinema e Itaka, foram os anciãos que se interessaram mais profundamente pelas fotos, sendo que imediatamente reconheceram os objetos nas imagens, se pondo a falar sobre eles e sobre “a chegada do padre Antônio” no igarapé Ipiaçava, em maio de 1971.

Figura 6 - Conversando sobre a coleção com um casal Asurini que vivenciou a chegada de Lukesch em 1971



Fonte: Arquivo pessoal.

É preciso dizer que as fotografias dos objetos estavam com boa resolução, tendo sido impressas em cores sobre papel fosco, o que permitia ver os detalhes de cada objeto – pelo menos na minha percepção. Como em outros trabalhos de curadoria de coleções, procurei deixar as fotografias serem manipuladas livremente pelos Asurini, tentando registrar as suas reações em relação a

elas e as suas falas a respeito do seu conteúdo. No entanto, vez ou outra, estimulava o debate sobre certas imagens com perguntas sobre as técnicas de produção e os usos de determinados objetos (Engelstad, 2010; Hafner, 2013). As experiências de trabalhos com este tipo de acervo mostram que as imagens fotográficas podem ser apropriadas de maneiras distintas pelas pessoas, e isso não foi diferente entre os Asurini. Observei, por exemplo, que os homens jovens se interessavam mais pelas imagens das armas, enquanto as mulheres se debruçavam, juntamente com seus maridos, sobre as imagens das vasilhas cerâmicas. Ou seja, cada um se interessou mais fortemente pelas imagens de objetos que costumam produzir, de acordo com as suas especialidades técnicas (Figura 7 e Figura 8). Era interessante verificar, inclusive, como eles se debruçavam sobre os detalhes da manufatura, passando a mão sobre as fotos como se quisessem sentir as texturas das matérias-primas. As mulheres, por exemplo, olhavam detidamente a morfologia e os grafismos das vasilhas cerâmicas, enquanto os homens se detinham nas amarrações dos arcos, na emplumação das flechas e nas técnicas dos trançados.

Figura 7 - Um jovem Asurini, junto de seus filhos e esposa olhando as imagens de flechas da coleção



Fonte: Arquivo pessoal.

Tendo como ponto de partida a conversa com os anciãos e anciãs Asurini, foi possível identificar todos os objetos da coleção pelo seu nome e uso.⁴ Às vezes, um mesmo objeto (p. ex. vasilha cerâmica) recebia dois nomes distintos, dependendo da pessoa que estava falando sobre aquela imagem fotográfica. Caso em que se acrescentava ao nome genérico do objeto (p. ex. *japepa'í*) uma palavra que se referia a um atributo específico da sua forma ou tratamento de superfície, como, por exemplo: *japepa'í uruaia* e *japepa'í kyruú*. Tratava-se de duas vasilhas de cozinhar

4 É importante dizer que nenhum Asurini identificou um objeto, nas fotografias, como tendo sido produzido por ele ou por alguém conhecido, ao contrário do que aconteceu durante a curadoria da coleção de Müller, onde vários objetos foram identificados como tendo sido produzidos por quem estava ali presente ou por pessoas falecidas. Penso que isto pode estar relacionado ao fato de que olhar para a fotografia de um objeto não é o mesmo que manipular o objeto. Durante a curadoria da coleção de Müller, os objetos eram olhados pelos Asurini de todos os ângulos e tocados em todos os seus detalhes, e era esse exercício sensorial que permitia que eles identificassem com precisão as técnicas de produção, bem como os eventuais artesãos responsáveis pela sua execução.

(*japepa'í*), porém uma possuía marcas de unglados na superfície externa que imitavam as penas da perna do pássaro *uru* (*uruaia*), e a outra tinha uma borda reforçada que os Asurini definiram como cabeça grande (*akyruú*) (Figura 9). Esses dois tipos de vasilhas *japepa'í* não são mais produzidos pelas mulheres Asurini, sendo que as mais jovens que viram as suas imagens não as reconheceram como sendo uma “panela Asurini”. De fato, alguns objetos da coleção (p. ex. tipos de vasilhas cerâmicas, adornos plumários, flauta de pan) que eram desconhecidos para mim, também eram desconhecidos para os mais jovens Asurini, conforme pude constatar enquanto eles manipulavam as imagens desses objetos.⁵ Portanto, quando se estuda coleções de objetos etnográficos, confrontando os conhecimentos das diferentes gerações de descendentes daqueles que os produziram, pode-se perceber os índices da transformação cultural, ou ainda, do esquecimento ou abandono de determinados objetos e saberes tradicionais (Glass, 2017; Hafner, 2013; Silva, Gordon, 2013).

5 Quando realizei a curadoria colaborativa da coleção de objetos Asurini formada por Regina Polo Müller, também constatei que vários deles não eram reconhecidos pelo(a)s jovens Asurini. Foi interessante perceber que este fato incomodou alguns destes jovens, sendo que estes justificaram o seu desconhecimento como uma consequência da sua falta de tempo em aprender com os velhos. Segundo eles, a dinâmica e as demandas da sua vida atual (p. ex. escola, contato intenso com os não indígenas, atividades de subsistência etc.) os privava de tempo livre para aprender a fazer as coisas de Asurini (Silva, 2012).

Figura 8 - Casal Asurini conversando sobre uma vasilha cerâmica da coleção



Fonte: Arquivo pessoal.

Nesse processo de identificação dos objetos asurinis nas fotografias, constatamos que algumas imagens eram de objetos pertencentes aos Araweté (p. ex. brincos, chocalho, arcos, flechas, flauta de osso), erroneamente incluídos pelo WeltMuseum na coleção dos Asurini do Xingu – este erro deve ter acontecido porque as coleções Asurini e Araweté, produzidas por Anton Lukesch, entraram no WeltMuseum na mesma data, segundo a documentação. Foi interessante poder observar o quão bem os Asurini reconheciam estes objetos nas fotografias e, ao mesmo tempo, como visualizá-los acionava neles a lembrança dos seus conflitos com os Araweté (Figura 9). Assim, ao longo dos dias,

aqueles homens e mulheres, ao olharem as imagens daqueles objetos, foram revivendo alguns dos acontecimentos que marcaram suas vidas naqueles anos e, principalmente, o evento da chegada do “padre Antônio”.

Figura 9 - Wewe'i explicando as diferenças entre as vasilhas *japepa'í uruaia* e a *japepa'í akyruú*



Fonte: Arquivo pessoal.

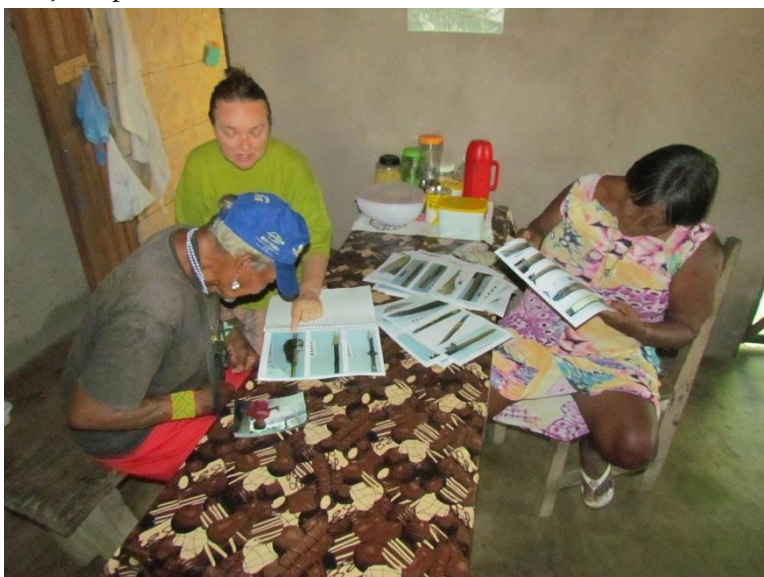
Desde 2011, eu vinha registrando as memórias daqueles que haviam testemunhado o evento do contato, e este trabalho com a coleção produzida por Lukesch me possibilitou rever algumas destas falas e aprofundar o meu entendimento sobre o modo como eles vivenciaram aquele (des)encontro.

Eles nos pegaram. *Amytuyna* é o nome da aldeinha aonde o padre chegou. Ele chegou gritando e todos (*da expedição*) apareceram com mochila grande nas costas. Índio brabo (*Kayapó e Araweté*) matou meu parente ali, lá no *mytujúvi (igarapé)*. Outro Asurini, perto da *Taiviaka (aldeia)* falou que de manhã *Itare'i (pajé)*, o pai de *Apirakamy (criança Asurini)* falou: “eu sonhei que branco vai aparecer para nós, e entre eles tem gente do olho diferente, olho branco, azul, verde”. Outros Asurini foram caçar. Padre chegou gritando e aí todo mundo correu e se escondeu. Outros fugiram, mas o *pajé* tinha sonhado para amansar o branco. Só um Asurini apareceu para o pessoal do padre. Os outros que se esconderam viram o padre todo cheio de miçanga, até no pescoço, e começaram a aparecer. Cada branco (*da expedição*) pegava um índio que estava escondido para dar as coisas para eles. *Itare'i (pajé)* ficou sozinho para aparecer para o padre, os outros fugiram. Depois eles (*homens da expedição*) chegaram na *Taiviaka (aldeia)* e viram a casa grande: “cadê os Asurini que estavam aqui”? A casa estava grande, estava quase acabada. Eu mesma não vi quando eles chegaram. Eu tinha ido roubar batata, mandioca seca, no outro acampamento. Um outro Asurini foi chamar o marido de Myra, o *Kurijá*. Ele avisou que o branco tinha chegado até nós, e cada um fez farinha, beiju. Eu vim de *Itaipeuã (lugar de pesca)* para ver onde estava o padre. *Muri, Itakyri, Maiu, Muturi, Marakawa (nomes de alguns dos Asurini)* todos eles moravam na *tavyva (casa grande que estava sendo construída na aldeia Taiviaka)*, era uma aldeia grande. *Akarai (branco)* abriu roça grande na beira do *Ipiaçava (igarapé)*. *Apewu (menino asurini)* roubou facão e escondeu, e quando ele foi pegar, o branco já tinha pegado de volta. Foi para lá que levaram todos os Asurini. Nós chegamos nos acampamentos e não tinha ninguém, só faltava nós, nós fomos os

últimos a chegar. Minha avó Uau, Arame velha, o pai de Apeuna foram mortos por Arawete (*povo inimigo*). O pai de Apirakamy (*mulher asurini*) queria sonhar para o branco aparecer, só para que os outros índios não matassem todos os Asurini. Depois, chegou avião de *akarai* (*branco*). Ele fez uma cuia cheia de café e disse: “toma café”. Deu óleo e pirarara (*espécie de peixe não apreciada pelos Asurini*) para os Asurini comerem. Eles ficaram com diarreia brava, com sangue e febre, e logo começaram a morrer, não tinha hora, toda hora morria gente, de dia e de noite, e pela manhã. Morria tanto que ninguém dava conta de enterrar e jogava em qualquer buraco. (Relato de Wewe’í Asurini, grifos meus).

As lembranças Asurini do (des)encontro com Lukesh estão entrelaçadas com outras lembranças: da situação de guerra que eles estavam vivendo; da sua dispersão por diferentes assentamentos e acampamentos, como estratégia de enfrentamento dos ataques de inimigos; da premonição e necessidade que eles viam no encontro com o branco, como um modo de evitar o seu extermínio; das mortes de homens e mulheres pela ingestão da comida e bebida trazida pelos brancos; dos furtos das coisas e recursos dos brancos que ocupavam os limites de seu território; das coisas que os brancos da expedição trouxeram e deram para eles. A coleção etnográfica formada por Anton Lukesh, portanto, é um testemunho não apenas do encontro oficial dos Asurini com os brancos, mas também desta dramática conjuntura na qual eles estavam vivendo, desde o final dos anos 1960.

Figura 10 - Anciã Asurini identificando as imagens de flechas com emplumação típica dos Araweté



Fonte: Arquivo pessoal.

Ao final desse trabalho, alguns Asurini manifestaram sua predisposição para viajar até Viena e (re)ver estes objetos no WeltMuseum.⁶ Tanto os anciãos que participaram do trabalho com as fotografias quanto alguns jovens asurinís que desconheciam a história de formação desta coleção estavam interessados nesta viagem: “*eu queria ver nossas coisas*”, disse um dos anciãos enquanto olhava as fotografias. De fato, os Asurini se veem nos seus objetos, e como já foi demonstrado em diferentes trabalhos

6 Quando estive no WeltMuseum, em 2014, a curadora Claudia Augustat me informou que o museu estava estudando a possibilidade de exibir esta coleção, tendo a colaboração dos Asurini do Xingu. Assim, ela me pediu que entrasse em contato com eles para verificar se estariam de acordo em participar da curadoria de uma exposição destes seus objetos. O projeto estava previsto para o ano de 2018, mas infelizmente não se concretizou, até os dias de hoje.

sobre a sua materialidade, as ações de produzir, usar, armazenar e descartar objetos se emaranham nas tramas da sua socialidade, ou seja, nas tramas das suas relações com as pessoas (humanas e não humanas) (Müller, 1990, 1992; Silva, 2013, 2019). Os objetos e as técnicas são, para os Asurini, a objetificação/materialização de subjetividades e de relações entre pessoas. Portanto, aqueles objetos que estão guardados no WeltMuseum são pessoas Asurini, e são também referentes das relações dos Asurini com o “Outro”.

Esta coleção etnográfica é um registro material de uma parte significativa da história dos Asurini do Xingu. Ela materializa aspectos do modo de vida deste povo Tupi amazônico e, ao mesmo tempo, é um testemunho dos processos de transformação que ele vem vivenciando, desde o contato. No entanto, tal coleção não fala apenas de um tempo passado, mas também de um tempo presente, e do futuro deste povo, e essa me parece ser a razão fundamental pela qual eles estão dispostos a *ir ver essas coisas*; e, se possível, eles certamente irão ao WeltMuseum, em Viena.

A importância das coleções etnográficas

Uma coleção etnográfica pode ser compreendida como um tipo de documento que apresenta diferentes possibilidades de leitura. A sua formação decorre da vontade e da percepção de um coletor, no âmbito de um complexo contexto de interações entre diferentes sujeitos, em um determinado momento histórico. Uma coleção se constitui de coisas que possuem uma história e uma realidade próprias, sendo que seus significados são múltiplos.

tiplos, não se reduzindo à lógica institucional dos museus e ao sistema de classificação museológica. Essa multiplicidade e diferentes dimensões de significados possibilitam que uma coleção seja analisada em diferentes níveis e a partir de múltiplos olhares (Silva; Gordon, 2011b). Assim, compartilho do empenho daqueles pesquisadores que buscam reabilitar e reconceituar esses acervos museológicos como fontes de pesquisa antropológica (p. ex. Barcelos Neto, 2004; Fienup-Riordan, 2003; Lima Filho, 2017; Torrence, Clarke, 2013).

Dentre as muitas possibilidades que as coleções oferecem à pesquisa, encontra-se esta que diz respeito ao estudo das histórias das coleções e/ou dos objetos etnográficos em museus. Como disse anteriormente, os trabalhos que vêm sendo produzidos sobre este tema, considerando diferentes lugares do mundo e momentos históricos, têm trazido dados e questões muito relevantes, e que possibilitam o desenvolvimento de reflexões críticas a respeito das características das práticas colonialistas levadas a cabo sobre os povos originários, dos modos como estes povos reagiram a estas práticas, das consequências destas práticas para os seus modos de vida e, finalmente, da própria prática etnográfica em diferentes momentos da história da disciplina antropológica (Glass, 2017; Knowles, 2013; Torrence, Clarke, 2013). Como sugere Nicholas Thomas, algumas coleções etnográficas têm histórias difíceis e de conflitos, porém, “os legados dessas histórias precisam ser reconhecidos e explicados” (Thomas, 2010, p. 10).

Para além disso, também tem sido assumido que as coleções etnográficas são constituídas de “objetos vivos”, e, portanto, é fundamental que se tenha sobre elas um olhar compartilhado. Nesse sentido, se intensificam as práticas curatoriais colaborativas que possibilitam um melhor entendimento das coleções e dos objetos etnográficos, e também a melhor apresentação destes nas exposições (MacDougall, Carlson 2009; Liffman, 2009). De maneira reflexiva, tais práticas também nos fazem pensar em outros termos a nossa própria relação com os objetos, os museus e os povos indígenas. Significados diversos são incorporados aos objetos nos museus, quando não são apenas os profissionais destas instituições os agentes que fazem a pesquisa, organizam e pensam sobre eles (Engelstad, 2010). As experiências colaborativas com os povos indígenas mostram que há uma diversidade de expectativas e demandas deles em relação aos museus. Ou ainda, que cada povo indígena constrói sua própria representação sobre o museu e sobre os seus acervos (Barcelos Neto, 2004; Broekhoven *et al.*, 2010; Peers, Brown, 2003; Silva, Gordon, 2011). Alguns autores ressaltam, porém, que a intensificação das práticas colaborativas não significou a erradicação daquelas práticas museais ditas tradicionais e colonialistas. Diante disto, ainda se faz necessária uma contínua reflexão sobre os impactos do colonialismo nas produções culturais dos povos indígenas e sobre o papel que os museus tiveram e ainda têm na construção de representações etnocêntricas sobre eles (Sleeper-Smith, 2009).

É fundamental refletir, caso a caso, sobre o que os povos indígenas buscam nos museus, como eles reagem diante dos objetos nos museus e por que eles desejam constituir seus próprios museus indígenas (Silva, 2016b; Vidal, 2013). Em outras palavras, é necessário fazer dos estudos de coleções e objetos etnográficos em museus também uma experiência etnográfica. Os museus têm um enorme compromisso para com os povos indígenas, no que se refere à preservação de seus objetos. É preciso ter claro, porém, que o que eles preservam não são os objetos em si, mas os saberes e as filosofias indígenas. Assim, uma antropologia no/do museu deve buscar refletir e rever as bases estruturais das práticas curatoriais, debruçando-se sobre questões como, por exemplo: o que nós antropólogos vemos nesses objetos de museu? O que os povos indígenas veem nestes objetos de museu? Como se dá a invenção das culturas a partir deste encontro entre antropólogos, povos indígenas e museus?

Desvelar as histórias das coleções permite apreender os muitos significados que estão a elas agregados, em outras palavras, “suas identidades materiais e temporais específicas” (Fabian, 2010, p. 66).

Uma coleção de histórias

Alguém poderia se perguntar por que os Asurini não demonstraram uma relação de evitação com estes objetos da coleção, tendo em vista que muitos deles pertenceram às pessoas que faleceram naquele momento do contato. Afinal, como outros po-

vos ameríndios, os Asurini também têm uma relação de evitação com os mortos e, no caso deles, com aqueles que perderam o *ynga*, o princípio vital, e se transformaram em *anĩynga*, seres divididos, espectros (Müller, 1990).

De fato, quando uma pessoa morre, “desaparece”, seus pertences materiais costumam ser descartados, queimados, ou então, depositados na superfície de seus túmulos, na *tavyva*. Isto é feito, segundo os Asurini, para evitar que os vivos sintam saudade dos seus entes queridos falecidos, posto que os objetos trazem em si a subjetividade de quem os produziu e/ou utilizou. No entanto, às vezes, nem todos os pertences de um morto são dispensados pelos seus parentes. Alguns podem ser guardados por um certo tempo, para depois voltarem a circular, serem vistos e manipulados. Este foi o caso de um cesto cargueiro do tipo *jamaxim* pertencente a um importante *pajé* Asurini que faleceu vítima de pneumonia, há alguns anos. Um de seus filhos guardou tal cesto, durante anos, enfiado entre os caibros do teto de sua casa. Certo dia, perguntei a este jovem a razão de ele guardar aquele cesto em um lugar de tão difícil alcance, e, aparentemente, sem intenção de vir a utilizá-lo. Ele me respondeu que o guardava para, vez ou outra, olhá-lo e lembrar de seu pai. Além disso, segundo ele, seu pai era um especialista na confecção daquele tipo de *jamaxim*, cuja técnica de trançado era bastante complexa, formando um motivo gráfico na palha. Tratava-se, portanto, de um exemplar magnífico e único na aldeia; de fato, um cesto igual aquele eu só havia visto na coleção de Regina Polo Müller. Este jovem também me disse que guardava o cesto pois, um dia, quando a saudade diminuísse, ele iria tentar

fazer um *jamaxim* para si mesmo, tendo o do pai como modelo. Sem dúvida, eram bons os seus motivos para guardar aquele cesto, pensei. Ele o guardava para lembrar e aprender.

Essa coleção etnográfica que está no WeltMuseum também parece assumir este mesmo sentido para os Asurini,⁷ pois os objetos que a constituem são a materialização de saberes. Assim, ela se apresenta como um recurso para a reapropriação, reaprendizado e manutenção de certos saberes tradicionais. Como demonstrei em outros trabalhos, entre os Asurini, as pessoas mais habilidosas na produção dos objetos são também aquelas que têm o maior conhecimento da tradição oral e das performances rituais (Silva, 2013, 2019). Estas pessoas exercem exemplarmente a etiqueta social, dominam as estratégias de subsistência e, comumente, assumem uma liderança religiosa, social e/ou política. Estes saberes as definem como uma pessoa Asurini, como *awaeté*, gente verdadeira. Assim, poder ver as coisas que os seus ancestrais outrora produziram é um modo de se apropriar e de reatualizar estes conhecimentos e, ao mesmo tempo, de afirmar uma identidade Asurini.

Penso que muitas coleções etnográficas têm este mesmo sentido para outros povos indígenas. Elas são acervos memoriais e, ao mesmo tempo, bibliotecas de saberes que estão esperando ser consultadas por aqueles que com elas desejam aprender e (re) afirmar sua própria identidade.

7 Nos últimos anos, tenho vivenciado diferentes situações em que os Asurini demonstram que coleções etnográficas, materiais arqueológicos e acervos fotográficos referentes a eles, e que se encontram depositados em museus, são exterioridades que contribuem para a afirmação do seu modo de vida e preservação de seus saberes (Silva, 2012, 2015, 2016b).

Referências

- ABREU, Regina. Museus etnográficos e práticas de colecionamento: antropofagia dos sentidos. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 31, p. 101-125, 2005.
- BARCELOS NETO, Aristóteles. *Com os índios Wauja. Máscaras e outros objetos vivos de uma coleção amazônica*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2004.
- BELL, Joshua. A.; HASSINOFF, Erin. L. (eds.). *The anthropology of expeditions: travel, visualities, afterlives*. New York: Bard Graduate Center, 2015.
- BELK, Russel W. et al. Collectors and collecting. In: PEARCE, S. (ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London: Routledge, 1999. p. 317-326.
- BROEKHOVEN, Laura N. K. van; BUIJS, Cunera; HOVENS, Pietre. (eds.). *Sharing knowledge and cultural heritage: First nations of the Americas. Studies in Collaboration with indigenous peoples from Greenland, North and South America*. Leiden: Sidestone Press, 2010.
- ENGELSTAD, Bernadette Driscoll. Curators, collections and Inuit communities. In: BROEKHOVEN, L. van; BUIJS, C.; HOVENS, P. (eds.). *Sharing knowledge and cultural heritage: First nations of the Americas. Studies in Collaboration with indigenous peoples from Greenland, North and South America*. Leiden: Sidestone Press, 2010. p. 39-52.
- FABIAN, Johannes. Colecionando pensamentos: sobre os atos de colecionar. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 59-73, 2010.
- FIENUP-RIORDAN, Ann. Yup'ik elders in museums: fieldwork turned on its head. In: PEERS, L.; BROWN, A. K. (eds.). *Museums and source communities*. A Routledge reader. Londres: Routledge, 2003. p. 28-41.
- FORMANEK, R. Why they collect: collectors reveal their motivations. In: PEARCE, S. (ed.). *Interpreting Objects and Collections*. London: Routledge, 1999. p. 327-335.
- GLASS, Aaron. Drawing on museums: early visual fieldnotes by Franz Boas and the indigenous recuperation of the archive. *American Anthropologist* [online], v. 120, n. 1, p. 72-88, 2017. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/aman.12975>. Acesso em: 2 jan. 2021.

GRUPIONI, Luis Donisete. B. *Coleções e Expedições Vigeadas: Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: HUCITEC/ANPOCS, 1998.

HAFNER, Diane. Objects, agency and context: Australian Aboriginal expressions of connection in relation to museum artifacts. *Journal of Material Culture* [online], v. 18, n. 4, p. 347-366, 2013. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1359183513502262>. Acesso em: 2 jan. 2021.

KNOWLES, Chantal. Exposing the heart of the museum: the archaeological sensibility in storeroom. In: HARRISON, R.; BYRNE, S.; CLARKE, A. (eds.). *Re-assembling the collection. Ethnographic museums and indigenous agency*. Santa Fe: School for Advanced Research Press, 2013. p. 229-257.

LIFFMAN, Paul. Huichol histories and territorial claims in two national anthropological museums. In: SLEEPER-SMITH, S. (ed.). *Contesting Knowledge: Museums and Indigenous Perspectives*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2009. p. 192-217.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Coleção William Lipkind do Museu Nacional: trilhas antropológicas Brasil-Estados Unidos. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 473-509, 2017.

LUKESH, Anton. *Bearded Indians of the Tropical Forest*. The Assurinins of the Ipiaçaba. Graz: Akad. Druck und Verlag Anst, 1976.

MacDOUGALL, Brenda; CARLSON, M. Teresa. West side stories. The blending of voice and representation through a shared curatorial practice. In: SLEEPER-SMITH, S. (Ed.). *Contesting Knowledge. Museums and Indigenous Perspectives*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2009. p. 156-191.

McMULLEN, Ann. Reinventing George Heye. Nationalizing the museum of the American Indian and its collections. In: SLEEPER-SMITH, S. (Ed.) *Contesting Knowledge. Museums and Indigenous Perspectives*. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2009. p. 65-105.

MÜLLER, Regina Polo. *Os Asurini do Xingu (História e Arte)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990.

MÜLLER, Regina Polo. *Tayngava, a noção de representação na arte gráfica*. In: VIDAL, L. B. (org.). *Grafismo indígena*. São Paulo: Studio Nobel/Edusp/Fapesp, 1992.

NORCINI, Marilyn. Frederick Johnson's "River Desert Algonquin" materials at the University of Pennsylvania Museum: a collection history. *Museum Anthropology*[online], v.31, n.2, p.122-147, 2008. Disponível em: <https://anthro-source.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1548-1379.2008.00014.x>. Acesso em: 3 jan. 2021.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Una Etnografía de las tierras indígenas: procedimientos administrativos y procesos políticos. In: PACHECO DE OLIVEIRA, J. (ed.). *Hacia una Antropología del Indigenismo: Estudios críticos sobre los procesos de dominación y las perspectivas actuales de los indígenas en Brasil*. Rio de Janeiro/Lima: Contra Capa/Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica, 2006a. p. 15-50.

PACHECO DE OLIVEIRA, João. Políticas indígenas contemporáneas: régimen tutelar, juegos políticos y estrategias indígenas. In: PACHECO DE OLIVEIRA, J. (ed.). *Hacia una Antropología del Indigenismo: Estudios críticos sobre los procesos y dominación y las perspectivas políticas actuales de los indígenas en Brasil*. Rio de Janeiro/Lima: Contra Capa/Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica, 2016b. p. 127-150.

PEERS, Laura; BROWN, Alison K. (Eds.). *Museums and source communities*. London: Routledge, 2003.

RIBEIRO, Berta Q.; van VELTHEM, Lúcia H. Coleções etnográficas: documentos materiais para história indígena e a etnologia. In: CUNHA, M. C. (org.). *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 103-112.

SILVA, Fabíola Andréa. Os Asurini do Xingu no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE USP). In: CURY, M. X.; MELLO VASCONCELOS, C.; ORTIZ, J. M. (org.). *Questões indígenas e museus: debates e possibilidades*. Brodowski: ACAM Portinari/MAE-USP/ Secretaria de Cultura de São Paulo, 2012. (Coleção Museu Aberto). p. 163-172.

Silva, Fabíola Andréa. Tecnologias em transformação: inovação e (re)produção dos objetos entre os Asurini do Xingu. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 8, n. 3, p. 729-744, 2013.

SILVA, FABÍOLA ANDRÉA. Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: um relato da pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 58, n. 1, p. 143-172, 2015.

SILVA, FABÍOLA ANDRÉA. A curadoria da coleção Asurini do Xingu no *WeltMuseum Wien*. In: CURY, M. X. (org.). *Direitos Indígenas no Museu*. Novos procedimentos para uma Nova Política: a Gestão de Acervos em Discussão. São Paulo/Brodowski: Secretaria de Cultura/ACAM Portinari/Museu de Arqueologia e Etnologia, 2016a. p. 128-134.

SILVA, FABÍOLA ANDRÉA. Leva para o museu e guarda. Uma reflexão sobre a relação entre museus e povos indígenas. In: CURY, M. X. (org.). *Museus Indígenas. Saberes e Ética*. Novas perspectivas em debate. São Paulo/Brodowski: Secretaria de Cultura/ACAM Portinari/Museu de Arqueologia e Etnologia, 2016b. p. 71-79.

SILVA, FABÍOLA ANDRÉA. Ceramic Production Technology among the Asurini of Xingu: Technical choices, transformations and enchantment. *Vibrant* [online], v. 16, p. 1-29, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-43412019000100601&script=sci_abstract. Acesso em: 2 jan. 2021.

SILVA, Fabíola Andréa; GORDON, Cesar. Histórias de uma coleção indisciplinada. Depoimento de Lux Vidal a Fabíola A. Silva e Cesar Gordon. In: SILVA, F. A.; GORDON, C. (org.). *Xikrin: Uma coleção etnográfica*. São Paulo: EDUSP, 2011a. p. 37-58.

SILVA, Fabíola Andréa; GORDON, Cesar (org.). *Xikrin: Uma coleção etnográfica*. São Paulo: EDUSP, 2011b.

SILVA, Fabíola Andréa; GORDON, Cesar. Anthropology in the museum reflections on the curatorship of Xikrin collection. *Vibrant*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 425-468, 2013.

SILVA, Fabíola Andréa; NOELLI, Franscisco Silva Mobility and territorial occupation of the Asurini do Xingu, Pará, Brazil. An archaeology of the recent past in the Amazon. *Latin American Antiquity*, Cambridge, v. 26, n. 4, p. 493-511, 2015.

SLEEPER-SMITH, Susan. *Contesting Knowledge*. Museums and indigenous perspectives. Lincoln/London: University of Nebraska Press, 2009

SOUZA LIMA, Antonio Carlos. El indigenismo en Brasil: migración y reapropiaciones de un saber administrativo. In: PACHECO de OLIVEIRA, J. (Ed.). *Hacia una Antropología del Indigenismo: Estudios críticos sobre los procesos e dominación y las perspectivas políticas actuales de los indígenas en Bra-*

sil. Rio de Janeiro/Lima: Contra Capa/Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica, 2006. p. 97-125.

SOUZA LIMA, Antonio Carlos. A identificação como categoria histórica. In: SOUZA LIMA, A.; BARRETO FILHO, H. (org.). *Antropologia e Identificação: os antropólogos e a definição de terras indígenas no Brasil (1977-2002)*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005. p. 24-74.

THOMAS, Nicholas. The museum as method. *Museum Anthropology*, v. 33, n. 1, p. 6-10, 2010. Disponível em: <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1548-1379.2010.01070.x>. Acesso em: 2 jan. 2021.

TORRENCE, Robin; CLARKE, Anne. Creative colonialism: locating indigenous strategies in ethnographic museum collections. In: HARRISON, R.; BYRNE, S.; CLARKE, A. (Eds.). *Reassembling the Collection*. Ethnographic museums and indigenous agency. Santa Fe: School for Advanced Research Press, 2013. p. 171-195.

VELTHEM, Lucia Hussak van. O objeto etnográfico é irredutível? Pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, Belém, v. 7, n. 1, p. 51-66, 2012.

VELTHEM, Lucia Hussak van.; KUKAWKA, Katia; JOANNY, Lydie. Museus, coleções etnográficas e a busca de diálogo intercultural. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Ciências Humanas)*, Belém, v. 12, n. 3, p. 735-748, 2017.

VIDAL, Lux. Kuahí: The indians of the lower Oiapoque and their museum. *Vibrant*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 387-423, 2013.

VILLELA, Alice. Fotografia e (des) encontro: a narrativa fotográfica do contato oficial dos Asuriní do Xingu e suas versões. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 159-176, 2018.